

**Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM**

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	2
Título: Venezuela às escuras	2
Título: Guaidó intensifica pressão após apagão	3
Título: Crise e mudança: carros.....	4
VEÍCULO: O Globo.....	6
Título: Confrontos em novo dia de apagão na Venezuela	6
Título: A turma da Lava-Jato criou uma fundação	8

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 10/03/2019****Seção: Colunas****Autor: Lourival Sant'Anna****Título: Venezuela às escuras**

Pane seca. Essa será uma das causas da queda do chavismo. Isso num país que tem a maior reserva de petróleo do mundo, a oitava maior de gás e a terceira maior usina hidrelétrica, ao lado de bacias com potenciais gigantescos de geração de energia. O apagão elétrico dos últimos dias e a falta de gasolina são retratos da incompetência quase suicida dessas duas décadas de chavismo, que não se pode esconder por trás das alegações de “bloqueio econômico” e “sabotagem”. Em 2008, o então presidente Hugo Chávez declarou que a Venezuela “se converteria numa potência energética mundial”. Era um período de grandiloquência. Dois anos antes, Luiz Inácio Lula da Silva, que considerava Chávez um democrata visionário, profetizou que o Brasil se tornaria uma potência do petróleo e até entraria para a Opep, o cartel dos exportadores liderado pela Arábia Saudita, em razão das descobertas do Pré-Sal. A euforia de Chávez era embalada por descobertas de novas reservas de gás e pela construção da hidrelétrica de Manuel Piar, na represa de Tocoma.

Elá está na lista de 11 obras que a Odebrecht não entregou na Venezuela e por cujos contratos pagou US\$ 30 bilhões em propinas ao regime chavista, segundo a exprocuradora- geral venezuelana Luisa Ortega. Coisas parecidas aconteceram com o sonho de Lula no Brasil. O apagão iniciado na quinta-feira, e que se prolongava em muitos lugares ontem, é o mais longo da história. O atendimento médico, que já é precário, entrou em colapso. Cirurgias tiveram de ser interrompidas por falta de energia. Nem todos os hospitais têm geradores, e nem todos os geradores têm combustível, já que isso está em falta também. Foi interrompido o abastecimento de água – onde ele ainda ocorre. Nos bairros de classe média alta de Caracas, não há fornecimento de água, para punir seus moradores por apoiar a oposição e para forçá-los a comprar dos caminhões-pipa, por US\$ 15 cada entrega – muito mais do que o salário da maioria da população.

Como todo negócio lucrativo na Venezuela, esse também é controlado pelos “enchufados” (em tradução literal, “ligados na tomada”), como são chamados os que se beneficiam de negócios com o regime. Mas os blecautes são comuns há mais de dez anos. E o problema é simples: falta de geração de energia. A Corpoelec, estatal do setor, deixou de publicar relatórios em 2009 – assim como o Banco Central parou de divulgar índices em 2015. Mas dados fornecidos clandestinamente por funcionários à BBC mostravam, já em 2015, que, de uma capacidade instalada de 34 mil megawatts, a geração era de apenas 17 mil. A

demanda, na época, eram 18 mil megawatts. Tanto a geração quanto a demanda caíram desde então, com a obsolescência do sistema e o encolhimento da economia.

Algo parecido ocorreu com a produção de gasolina. Em 2008, o refino representava 77,5% da capacidade instalada da PDVSA, estatal do petróleo. A proporção foi caindo, segundo a agência Bloomberg, com base em dados da própria PDVSA. Chegou a 50,2%, em 2016, a 28,5%, em 2018, e este ano está em 23%. As sanções americanas entraram em vigor em janeiro, portanto a queda da geração de energia e do refino não foi originada por elas. Os americanos forneciam dois terços da gasolina consumida pelo país, em grande parte originária da Citgo, subsidiária da PDVSA nos EUA. A queda do fornecimento dentro da Venezuela foi na mesma proporção: de 160 mil barris diários para 60 mil. Os EUA também deixaram de fornecer diluentes para o transporte do petróleo da Bacia do Orinoco via oleoduto para a costa caribenha e a nafta usada no refino. A Rússia está enviando esses insumos, mas em quantidade menor. O que o chavismo está recebendo é um tiro de misericórdia. O que o deixou agonizante foi sua incapacidade de gestão.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 10/03/2019

Seção: Internacional

Autor: AFP, EFE e REUTERS

Título: Guaidó intensifica pressão após apagão

Opositor acusa Maduro pela falta de energia e se mostra aberto a uma intervenção

O líder opositor venezuelano Juan Guaidó convocou ontem, diante de milhares de apoiadores, uma grande mobilização até Caracas, em data a definir, para pressionar pela saída do poder do presidente Nicolás Maduro, a quem responsabilizou pelo apagão que atinge o país produtor de petróleo e causou a morte de vários pacientes. Com um megafone, falando no teto de uma caminhonete, Guaidó afirmou que fará um giro com deputados pelo país, para, em seguida, definir a data da mobilização, que, segundo ele, ocorrerá “muito em breve”. “Miraflores, Miraflores!”, gritavam os apoiadores de Guaidó, referindo-se à sede do governo. Eles estavam reunidos na Avenida Victoria, onde a polícia impediu a instalação de um palanque onde Guaidó falaria. O líder opositor reiterou que está disposto a autorizar a ação de uma força estrangeira quando acreditar ser conveniente.

“Intervenção!”, pediu a multidão, à qual o líder opositor respondeu parafraseando o governo de Donald Trump: “Todas as opções estão sobre a

mesa”. Guaidó proclamou-se presidente interino da Venezuela em 23 de janeiro, invocando artigos da Constituição, e foi reconhecido por Estados Unidos, Brasil e dezenas de países, que acusam Maduro de obter novo mandato em eleições fraudulentas. Maduro, que não apareceu em público durante o apagão, compareceu a uma manifestação governista que reuniu uma multidão no centro de Caracas, quando se cumprem quatro anos desde que os EUA declararam a Venezuela uma ameaça à sua segurança. O presidente venezuelano atribui o apagão a uma “guerra elétrica promovida pelo imperialismo americano”.

Ontem, ele denunciou que um novo “ataque cibernético” frustrou o processo de restabelecimento de energia, em meio a um apagão que já durava mais de 48 horas. “Hoje, 9 de março, havíamos avançado quase 70%, quando sofremos, ao meio-dia, um novo ataque de caráter cibernético a uma das fontes de geração, que funcionava perfeitamente, o que perturbou e derrubou tudo o que havíamos conseguido”, disse Maduro a uma multidão. O gigantesco corte de energia, o pior sofrido no país de 30 milhões de habitantes, começou na quinta-feira, às 16h53 em Caracas (17h53 em Brasília) e em quase todos os 23 Estados da Venezuela. O serviço foi sendo restabelecido aos poucos ontem na capital e nos Estados de Miranda e Vargas, mas permanecia interrompido em muitas regiões, como Táchira, Zulia e Barinas.

As autoridades não divulgaram um balanço da situação. Em algumas áreas de Caracas, o serviço foi restabelecido de madrugada, mas, ao meio-dia, a energia foi novamente cortada e as comunicações voltaram a entrar em colapso. “Não há água, luz ou comida. Não aguentamos mais”, desabafou Jorge Lugo, morador do sudeste da capital. Os hospitais viveram situações dramáticas, e os que têm gerador os usam apenas para emergências. A oposição denunciou dezenas de mortes em razão do corte de energia, o que o ministro da Comunicação, Jorge Rodríguez, qualificou como “falso”. Organizações não governamentais denunciaram que a falta de fornecimento de energia e o mau funcionamento, ou a falta de geradores de emergência em hospitais públicos, provocaram as mortes de 15 pessoas que necessitavam de diálise, de um recém-nascido e um adolescente de 15 anos em Caracas.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 10/03/2019

Seção: Colunas

Autor: José Roberto Mendonça de Barros

Título: Crise e mudança: carros

No último artigo mencionei que, ao largo da recessão, muitas mudanças, tecnológicas e nos modelos de negócios, sempre avançam, aqui e lá fora, o que

torna mais complexo o processo de recuperação. Esse é o caso do setor automotivo. Vejamos, em primeiro lugar, as principais mudanças que estão ocorrendo no plano internacional. As implicações para o Brasil serão discutidas em nosso próximo encontro.

1) China: a grande novidade nas últimas duas décadas foi a emergência e a consolidação da China como o maior mercado global. Enquanto o mercado americano, após a crise de 2009, voltou ao patamar de 16-17 milhões de carros, na China as vendas de veículos de passageiros atingiram o pico de quase 25 milhões de unidades, número que recuou no ano passado para algo ligeiramente inferior a 24 milhões. Como usual, a política industrial vigente permitiu que só algumas empresas ocidentais lá tivessem expressão. VW e GM produzem cerca de 4 milhões de unidades, sendo que esta última tem vendido mais e com mais rentabilidade do que nos EUA. A Ford trabalha na faixa de 500 mil veículos por ano, bem como BMW e Daimler. As outras têm menor expressão. Finalmente, e ao contrário de muitos outros produtos, os carros chineses nunca conseguiram penetrar no mundo ocidental.

2) EUA: depois de um auge, as vendas começaram a fraquejar no período recente. O maior indicador dessa fraqueza é que existem hoje 8 milhões de contratos de financiamento de autos com atrasos superiores a 90 dias, o que leva os bancos a restringirem o crédito, acelerando a retração. Chamo a atenção para a redução na venda de sedãs, pela franca preferência do consumidor local pelos utilitários (sport utility vehicles – SUVs e picapes). A venda dos primeiros acaba sendo feita apenas com altas doses de descontos para frotistas, o que resulta em baixíssimo ganho por veículo. É nesse produto que o anúncio de fechamento de fábricas pela GM (inclusive enfrentando a fúria de Trump) está concentrado. A empresa americana mais bem posicionada hoje é a Chrysler, que já não produz sedãs há mais de cinco anos, resultado da visão de futuro do falecido CEO, Sergio Marchionne.

3) Europa: o mercado europeu sofre várias pressões, a começar pela desaceleração do crescimento econômico. Não é improvável que certas áreas escorreguem para a recessão, e essa é a razão de o Banco Central Europeu (BCE) anunciar na semana passada uma nova rodada de estímulos monetários para bancos e empresas. Na região, há um problema específico que é a limitação aos motores movidos a diesel, consequência tanto das severas exigências de economia no consumo como da tentativa de muitas companhias de manipular testes de avaliação. Isso está abrindo espaço para os carros elétricos.
Entretanto, e a título de exemplo, chamo a atenção para a decisão da Nissan de não produzir a nova versão do X-Trail na Inglaterra (tudo a ver com as incertezas do Brexit), preferindo produzir no Japão o veículo com combustível convencional.

4) Carro elétrico: esta é a grande mudança para os próximos anos, totalmente ligada à percepção de que temos de combater o aquecimento global. Todas as projeções para os próximos dois anos sugerem ampliação da produção e das vendas desses veículos. O mercado chinês já é, de longe, o maior: absorveu quase 1 milhão de carros no ano passado, e deve passar de 2 milhões em 2020. Existe uma corrida dos grandes grupos pelo desenvolvimento desse tipo de veículo. Abre-se também espaço para novos produtores, sendo a Tesla o caso mais conhecido. Produtores de baterias, como BYD e Panasonic, terão importância crescente. A concorrência será feroz.

5) Digitalização: o volume de tecnologia embarcada nos carros cresce há algum tempo. Como os fornecedores são de outra indústria, a margem das grandes montadoras tem sido pressionada. A área com maior crescimento é a de sistemas focados na assistência ao motorista. Não por acaso, o Japão, país com maior proporção de idosos na população, é um dos líderes desse movimento. No limite, esse desenvolvimento levará ao carro autônomo, culminando em transferência de valor da cadeia produtiva para as empresas de tecnologia. As transformações em curso já estão definidas. A vida das montadoras está e continuará a ser muito difícil. Quem serão os novos líderes? O Brasil não escapará dessas mudanças.

VEÍCULO: O Globo

Data: 10/03/2019

Seção: O Mundo

Autor:

Título: Confrontos em novo dia de apagão na Venezuela

Guarda Nacional lança gás lacrimogêneo contra manifestantes e três pessoas são presas por montar palco para líder opositor. Blecaute deixa protestos mais vazios que anteriores e hospitais sem médicos e geradores

CARACAS- Em meio a um apagão intermitente, que começou na quinta-feira, Caracas amanheceu dividida entre apoiadores do líder opositor venezuelano Juan Guaidó — que convocou uma nova manifestação — e do governo de Nicolás Maduro. Durante a manhã, o foco de tensão esteve no protesto da oposição, onde a Guarda Nacional Bolivariana tentou afastar manifestantes usando gás lacrimogêneo, uma demonstração de força mais intensa do que a registrada em eventos anteriores.

As marchas ocorrem uma semana após o giro pelo mundo feito por Guaidó em visita a chefes de Estados da região; e menos de 48 horas após o apagão que deixou Caracas e praticamente todo o território nacional sem luz e 96% da população sem internet, segundo do observatório de medição Netblocks.

Embora o primeiro vice-presidente do Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV), Diosdado Cabello, tenha assegurado, nas primeiras horas da manhã, que 70% da energia havia sido restabelecida, um novo blecaute deixou pelo menos 20 estados às escuras. Mais da metade do país permanece sem eletricidade há mais 40 horas ininterruptas.

MADURO DETALHA ATAQUES

Nas ruas, “Queremos marchar” e “sim, podemos” tornam-se novamente os slogans mais repetidos pelos opositores a Maduro. A Guarda Nacional respondeu e uma tropa de choque bloqueou o acesso à Avenida Vitória, tentando afastar manifestantes com gás lacrimogêneo. Mais cedo, a polícia já havia impedido a instalação de um palco onde Guaidó deveria discursar no fim da marcha. A estrutura foi confiscada e três pessoas que estavam transportando o material foram presas.

Sem palco, o autoproclamado presidente interino, discursou de cima de um carro:

- Continuaremos a nos mobilizar — garantiu diante de manifestantes, lembrando que o objetivo é que toda a Venezuela esteja em Caracas.
- Nós temos que tomar o poder ocupando os espaços pacificamente, como fizemos hoje no município Libertador.

Guaidó também alertou que dias difíceis virão.

- Eles vão tentar nos dividir. Querem nos desmobilizar, cabe a nós não cair, temos que estar unidos.

Na quinta-feira, o governo atribuiu o problema a um ataque cibernético ao sistema de controle informatizado da usina de Guri, que fornece 80% da energia do país, e prometeu apresentar provas. Ontem, em um palanque, Maduro citou quatro supostos ataques: dois cibernéticos, um eletromagnético e um causado por um incêndio em uma subestação no sul do país “fundamental para a distribuição de energia”.

- Descobrimos que eles estavam realizando ataques científicos de alta tecnologia, o que nossos especialistas chamam de ataques eletromagnéticos, para sabotar o processo de reconexão. Isso afetou o restabelecimento da eletricidade que chegou a ser parcialmente realizado em Caracas — disse, prometendo que a eletricidade voltaria “nas próximas horas” e pedindo paciência e calma.

Mas tanto a mobilização opositora quanto a convocada pelo presidente pareciam mais vazias que as anteriores por causa do apagão. O blecaute, que começou na quinta-feira às 16h53m, afetou 22 dos 23 estados venezuelanos devido a uma falha na maior hidrelétrica do país, a de Guri, no estado de Bolívar, na fronteira com o Brasil. O estado brasileiro de Roraima, que recebe energia de Guri, foi afetado e teve que acionar termelétricas para garantir o fornecimento elétrico.

— Não há água, não há luz, não há comida, não aguentamos mais — disse Jorge Lugo à agência France Presse, que participava da manifestação opositora.

— O problema é a comida. Tinha comprado carne e vai estragar. Vou à marcha, por que tem que haver uma mudança. Estamos cansados — concordou Luis Álvarez, de 51 anos, que trabalha em uma transportadora.

PARTOS SÃO CANCELADOS

Em Caracas, o serviço de metrô, que serve cerca de dois milhões de pessoas todos os dias, ainda estava suspenso, obrigando as pessoas a fazer longas caminhadas. O comércio também permaneceu fechado. Um dos mais afetados foi o já precário serviço de saúde. Sem metrô e com poucos ônibus circulando, muitos médicos não conseguiram chegar aos hospitais. A oposição denunciou dezenas de mortes devido à queda de energia — ao menos 13 em um hospital do estado de Monagas — o que o ministro da Comunicação, Jorge Rodríguez, classificou como “falso”.

A maternidade Comandante Supremo Hugo Chávez Frías, em El Valle, estava às escuras na sexta-feira. Apenas uma mulher grávida esperava para ser atendida, sentada em uma cadeira. As outras deixaram o centro para embarcar em uma rota incerta atrás de outros hospitais da cidade.

— Eles nos disseram que não estão realizando cesarianas porque não há luz. Eles também não têm suprimentos — disse outra paciente, que preferiu não se identificar.

VEÍCULO: O Globo

Data: 10/03/2019

Seção: Colunas

Autor: Elio Gaspari

Título: A turma da Lava-Jato criou uma fundação

Em setembro passado a Petrobras e o governo americano assinaram um acordo pelo qual a empresa encerrou seus litígios com os órgãos reguladores daquele país. Era um espeto de US\$ 2,95 bilhões. Nessa negociação acertou-se que o equivalente a R\$ 2,5 bilhões seriam pagos às “autoridades brasileiras”. Em dois momentos o acordo se refere às “brazilian authorities” como destinatárias do dinheiro.

Em janeiro deste ano o doutor Deltan Dallagnol e outros 11 procuradores da força-tarefa da Lava-Jato de Curitiba assinaram um acordo com a Petrobras pelo qual o dinheiro que deveria ir para as “autoridades brasileiras” foi para uma conta aberta numa agência da Caixa Econômica de Curitiba, em nome do Ministério Público Federal. Seria razoável supor que os R\$ 2,5 bilhões fossem para a conta do Tesouro Nacional, nome de fantasia da Bolsa da Viúva mas, afinal de contas, eles, como os diretores de hospitais, também são autoridades.

Os doutores da força-tarefa superestimaram sua força e extrapolaram suas tarefas. Superestimaram seus poderes colocando sob sua jurisdição um dinheiro que deveria ir para o Tesouro. Exorbitaram suas tarefas quando estabeleceram que metade dos R\$ 2,5 bilhões seja transformada num fundo para financiar uma fundação de direito privado. Ela ainda não existe mas, segundo os procuradores, seus recursos “serão destinados ao investimento social em projetos, iniciativas e desenvolvimento institucional de entidades idôneas que reforcem a luta da sociedade brasileira contra a corrupção, inclusive para a proteção e promoção de direitos fundamentais afetados pela corrupção, como os direitos à saúde, à educação e ao meio ambiente, dentre outros.” Tudo, enfim.

O ervanário, correspondente ao orçamento da Universidade de Campinas, foi burocraticamente apropriado para sustentar uma fundação de natureza privada. Se essa tivesse sido a combinação da Petrobras com o governo americano, seria o jogo jogado. Em nenhum momento os procuradores de Curitiba ou mesmo a Procuradoria-Geral da República são mencionados no acordo americano.

No item 7 do acordo firmado pelo MP com a Petrobras, os doutores dizem que “as autoridades norte-americanas consentiram” em que os recursos “sejam satisfeitos com base no que for pago (...) conforme acordado com o Ministério Público Federal”. Seja qual for o significado desse “satisfeitos”, esse consentimento não consta do acordo. Vá lá que tenham combinado noutra sala. Pode sobrar para o lado americano da combinação.

No item seguinte está escrito que “conforme previsto no acordo com a Security Exchange Commission (a CVM americana) e o Departamento de Justiça, na ausência de acordo com o Ministério Público Federal, 100% do valor acordado com as autoridades americanas serão revertidos integralmente para o Tesouro

norte-americano.” Isso não consta do texto mencionado. Lá está escrito que o dinheiro voltará para o Tesouro americano se a Petrobras não o entregar às autoridades brasileiras. Nada a ver com “acordo com o Ministério Público Federal”.

A turma da Lava-Jato acha que pode tudo. Pode até nomear um procurador aposentado para presidir essa fundação milionária.

Talvez possa, mas fica feio.

SERVIÇO:

Todos os documentos mencionados neste texto podem ser consultados no site Migalhas.

Fachin travou a festa

Talvez a turma da Lava-Jato possa tudo, mas num caso semelhante ao da apropriação burocrática dos R\$ 2,5 bilhões do acordo da Petrobras, o ministro Edson Fachin travou a festa.

O Ministério Público Federal queria destinar o butim amealhado pelo casal de marqueteiros João Santana e Mônica Moura ao Fundo Penitenciário Nacional. Eles deviam R\$ 6 milhões em multas e repatriaram US\$ 21,8 milhões de contas que mantinham no exterior, alimentadas por empreiteiras.

Fachin foi claro: “O valor deve ser destinado ao ente público lesado, ou seja, a vítima, aqui compreendida não necessariamente como aquela que sofreu diretamente o dano patrimonial, mas aquela cujo bem jurídico tutelado foi lesado. No caso, a Administração Pública”

Fachin mandou que o dinheiro da multa também fosse para a Viúva, “cabendo a ela e não ao Poder Judiciário, inclusive por regras rigorosas de classificação orçamentária, definir, no âmbito de sua competência, como utilizará essa receita.”

MME / ASCOM .